

**A CONSTRUÇÃO DA MASCULINIDADE EM GRANDE SERTÃO:
uma Interpretação do Primeiro Encontro Entre Riobaldo e Diadorim**

**THE CONSTRUCTION OF MASCULINITY IN *GRANDE SERTÃO*:
an Interpretation of The First Encounter Between Riobaldo e Diadorim**

Isabella Cristina Lopes Rocha¹

*“As paixões determinadas por impulsos
são mais fortes do que os interesses racionais.”
FREUD, Sigmund.²*

RESUMO

Este ensaio pretende examinar o relato mnêmico do primeiro encontro entre Riobaldo e Diadorim, e suas repercussões na mentalidade e no comportamento desses personagens, sobretudo, perante a noção de masculinidade que é formada às sombras deste episódio. Para tal, há de se recorrer a bases teóricas elaboradas para abordar a dicotomia de gênero e sua co-construção na atividade social. À vista disso, pressupõe-se que a relação estabelecida entre os personagens deste episódio ilustra o conceito de homosociabilidade: ainda que esta não tenha sido a primeira experiência pública e/ou monossexual de Riobaldo, é uma das memórias mais antigas de sua infância lembradas na obra. Nesta, sobressaem-se normas e limites reiterados socialmente, a mimese infantil e importantes noções que dão base à persona jagunça do personagem-narrador.

Palavras-chave: Grande Sertão: Veredas. Intersubjetividade. Masculinidade Social. Homosociabilidade.

ABSTRACT

This paper intends to examine the mnemonic narrative of the first encounter between Riobaldo and Diadorim, and its repercussions on the mentality and the behavior of those characters, mainly, before the notion of social masculinity that is constructed under this episode's influence. For this intent, it is necessary to resort to theoretical bases elaborated to approach the gender dichotomy and its co-construction in social activity. Accordingly, this analysis is sustained on the premise that the established relationship between the characters in this episode illustrates the concept of homosociality: although this might not have been the first public and/or monosexual experience of Riobaldo, it is one of the oldest memories of his childhood narrated in this romance. In this, socially reiterated norms and limits, infantile mimesis and important notions that underlie the jagunça persona of the narrator-character stand out.

Keywords: Grande Sertão: Veredas. Intersubjectivity. Social Masculinity. Homosociality.

¹ Graduanda do bacharelado de Letras da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais - PUC MINAS. E-mail: lopesr.isabella@gmail.com

² (FREUD, [1930] / (2010), p. 28)

“NÃO ACERTO NO CONTAR, PORQUE ESTOU REMEXENDO O VIVIDO LONGE ALTO, COM POUCO CAROÇO, QUERENDO ESQUENTAR, DEMEAR, DE FEITO, MEU CORAÇÃO, NAQUELAS LEMBRANÇAS”³

A partir de um diálogo subentendido que se utiliza da temporalidade como recurso discursivo versátil, Guimarães Rosa desenvolve, com singularidade, um enredo caracterizado pelo hibridismo e pelos contrastes. Com frequência, tem-se apresentado e questionado a ambivalência entre polos como: o bem e o mal; deus e o diabo; a figura materna e a paterna; os homens do governo e o bando jagunço; ou ainda, a própria vida na jagunçagem e a condição financeira de certos personagens. Não obstante, pode-se afirmar que, através de uma trajetória narrativa intrincada, o autor concede uma perspectiva contextualizada da dicotomia hierárquica da “dimensão social do sexo”⁴; da oposição criada socialmente entre o que é tido como feminino ou masculino.

Para além disso, a introspecção lírica do narrador se forma às margens do Sertão - e da sociedade - e se torna a matriz que distingue a obra. Esta, enquanto romance de formação, permite inferir um vislumbre da construção de características basilares do comportamento individual, construído na intersecção das diferenças e das semelhanças. A “energia expressiva da linguagem” (CÂNDIDO, 1976, p. 12) do autor tece um conjunto de relatos com o anteparo da metáfora e da sinestesia, e o *Grande Sertão* se avoluma entre os caminhos difusos, as veredas, das estratégias discursivas que o fiam.

“O REINALDO - QUE ERA DIADORIM: SABENDO DESTE, O SENHOR SABE MINHA VIDA”⁵

Haja vista a narrativa mnêmica da formação identitária que caracteriza muitas produções literárias, ao propor um diálogo acerca da sobreposição da moral coletiva sobre o indivíduo - em certa intersecção entre a filosofia hegeliana e a psicanálise de Jung - infere-se a pressão comum de se instanciar o indivíduo, um sujeito em conformidade com o produto da pressão dos costumes sociais que o envolvem. A intersubjetividade coletiva é o que molda a consciência individual, e que, como tal, submete qualquer manifestação de subjetividade do indivíduo ao “filtro” de suas amarras sociais. Assim, sobretudo, em uma situação presumida na qual predomina o sentido visual, a masculinidade ou a feminilidade pode(m) ser constatada(s)

³ (ROSA, 1994, p. 242)

⁴ “[...] social dimension of sex” (MATHIEU, 1980, p. 54, tradução nossa)

⁵ (ROSA, 1994, p. 449, grifo nosso)

como o padrão de comportamento esperado, ensinado e cobrado socialmente, e não como algo intrínseco. A essa afirmação, relacionam-se as palavras de Rancière (2013, p. 13, tradução nossa): [a] “política diz respeito ao que é visto, e ao que pode ser dito a partir disso.”⁶

Desse modo, os sintagmas masculinidade **social** e, em específico, a masculinidade **jagunça**, apontam-se como determinantes (adjetivos) de uma circunstância que espelha o próprio sertão e se distingue do corpo biológico, enfatizando o aspecto psicológico e social de uma dinâmica interpessoal e, de certa forma, precária. O sertão é a violência, “onde manda quem é forte” (ROSA, 1994, p. 19), “é onde o pensamento da gente se forma mais forte do que o poder do lugar” (ROSA, 1994, p. 28), mas o sertão, também este, “tem medo de tudo.” (ROSA, 1994, p. 440). Todavia, esse padrão de comportamento é fomentado desde o primeiro encontro entre Riobaldo e Reinaldo - o Menino, e predomina na trajetória textual, a partir da adesão gradual daquele ao bando jagunço. Esse encontro corresponde a uma circunstância monossexual, que ilustra e fomenta a divisão sócio hierárquica de gênero, pautada por violências (WELZER-LANG, 2001).

Em um contexto que envolve, exclusivamente, homens e meninos - ainda que por suposição - tem-se, pela interação, o estímulo mútuo a uma conduta predeterminada identitária de tal grupo de gênero. A afirmativa elaborada por Skinner (1972, p. 3) complementa tal argumento: “O que sentimos quando temos sentimentos e o que observamos através da introspecção não são nada mais que um conjunto variado de produtos colaterais ou subprodutos das condições ambientais com as quais o comportamento se relaciona.”

No primeiro contato entre o narrador Riobaldo e o Menino, atribui-se um gênero a este, não apenas pela vestimenta, ou pelo fumo, mas sobretudo pelo fato de ele(a) estar no porto, acompanhando os homens que compravam as sacas de arroz. A presença dele no porto se sobrepõe à aparência e/ou trejeitos, ou seja, ambos reiteram, aquela é o que de fato define o curso dos acontecimentos. E a partir da assumpção da monossexualidade dos personagens no referido episódio - em específico, Riobaldo, o Menino, o Canoeiro e o Rapaz “mulato” - a predominância de certas atitudes e reações se sobressaem, ainda que abordadas de forma secundária.

A ênfase às aparências conota à situação, na figura ambígua do menino, na risada do canoeiro que caçoa de Riobaldo e no homem que o ameaça e à Reinaldo, uma iniciação à

⁶ "Politics revolves around what is seen and what can be said about it." (RANCIÈRE, 2013, p. 13)

masculinidade; hostil, mas imprescindível para a eventual percepção de virilidade na jagunçagem. Em relação a isso, frisa Mathieu (1980, p. 58):⁷

No nível da vida cotidiana a partir das normas sociais, a masculinidade social é a incontestada possibilidade de efetuar uma ação, de “fazer.” É responsabilidade. [...] A feminilidade social é estar limitada antes que qualquer ação seja tomada e se voltar aos homens quando qualquer dificuldade se apresenta. Masculinidade social é “saber” como explicar melhor, se expressar melhor [...], é estender a mão às mulheres [...]. (tradução nossa)

Pode-se afirmar que o personagem Riobaldo parte de um âmbito predominantemente feminino, doméstico e materno - é a mãe quem o cria, quem faz a promessa e lhe dá a sacola para a esmola, e parte à esfera pública, onde se (lhe) impõe o masculino. O Menino lhe chama atenção aos homens⁸ e lhe faz aquiescer perante uma demonstração de assertividade, da qual Riobaldo não compartilha - ao contrário, este permanece em sua falsa coragem. Riobaldo não é quem olha pelo Menino, mas sim quem é “olhado”, lhe é oferecida a mão, e ele a toma, sem hesitação aparente. Convém pautar, no entanto, que tais “extremos” - o doméstico ou o público, a “aurora” ou seu amanhecer - não oferecem garantias ao personagem. Metaforizando-os no contexto: nem a canoa de “madeira burra”, nem a “raiz descoberta dum pau-d’óleo” - na qual ela é ancorada e permanece em espera no porto, são capazes de salvaguardá-lo de afundar nos perigos de viver. O canoeiro que os guia também não tem “resolução”, e nesse ínterim, Riobaldo, mesmo inquieto, observa as margens opostas que medeiam o rio.

Nesse sentido, o Menino, em sua “dessemelhança”, acaba por suscitar um impulso de mimese: o narrador demonstra grande atenção a sua figura, a suas feições, a sua voz, entonação, cheiro, vestimenta - “eu queria que ele gostasse de mim. (ROSA, 1994, p. 140). Porém, ambos apresentam conflitos consigo mesmos⁹: Riobaldo se sente constrangido com a própria aparência e o motivo de estar no porto, esmolando e, em seu “desamparo”, admira a autoridade daquele que é “asseado e forte” (ROSA, 1994, p. 140), que “tudo nele era segurança em si.” (ROSA, 1994, p. 140). E também o Menino está ciente do contraste que há entre eles - “Sou diferente

⁷ “On the level of daily life as of social norms, social masculinity is the unquestioned possibility of undertaking action, of "doing." It is responsibility [...]. Social femininity is to be limited even before any action is undertaken, and to turn to men if any difficulty presents itself. Social masculinity is to "know" how to explain better, to speak better, [...] to extend a hand to women [...].” (MATHIEU, 1980, p. 58).

⁸ “Mas ele apreciava o trabalho dos homens, chamando para eles meu olhar, com um jeito de siso.” (ROSA, 1994, p. 138).

⁹ “A guerra que os homens empreendem em seus próprios corpos é inicialmente uma guerra contra eles mesmos. Depois, numa segunda etapa, é uma guerra com os outros.” (WELZER-LANG, 2001, p. 463).

de todo o mundo. Meu pai disse que eu careço de ser diferente, muito diferente.” (ROSA, 1994, p. 147). Além disso, enquanto Riobaldo traz em si a presença materna, Reinaldo carrega forte projeção simbólica paterna; o que é presença em um, é ausência no outro. Com base em Freud, pode-se afirmar que é desse detalhe que derivam as indagações e a necessidade religiosa do personagem-narrador: “do desamparo infantil e do anseio de presença paterna que ele desperta” ([1930] /2010, p. 56) que é “conservado de modo duradouro pelo medo das forças superiores do destino.” (FREUD, [1930] / 2010, p. 56).

O Menino age com independência e agressividade, evocando uma aparente certeza de inerência em si. Seu comportamento é metódico, e o de Riobaldo, impulsivo. Este, tenta sustentar o olhar e o toque do outro, mas é tomado por sentimentos que ele não domina: o medo, o ódio, a vergonha, o estranhamento. De forma paralela, o Canoeiro demonstra orgulho e segurança - o que o Menino valoriza - e desdenha da apreensão que Riobaldo expressa. Na suposta horizontalidade se compõe uma alegoria da “homossociabilidade”, através da qual se apreendem as qualidades valorizadas e qualificativas dos homens, as quais pretendem distingui-los “das mulheres e das crianças” (WELZER-LANG, 2001, p. 463). Às sombras dessa ideia, o desenvolvimento da maturidade se dá por experiências, em um movimento contínuo que alude à instabilidade da canoa e ao próprio rio.

A dualidade no romance também se apresenta na inocência infantil em face à lição dos “antigos” - “A pátria é dos velhos, mais.” (ROSA, 1994, p. 131). Entre a investida sexual de um homem mais velho, do moço “mulato”, e a atração condenada entre Riobaldo e Reinaldo, encontra-se uma agri-doce iniciação à sexualidade. O ato de violência deste que responde ao daquele se dá como um borrão, aspecto correspondente à momentânea tenuidade do limite binário de gênero - “que o olhar da gente não acompanha” (ROSA, 1994, p. 146). O Menino simula mansidão, cede à imagem da relação hierárquica entre homens e mulheres, ainda que por um breve momento, e protagoniza o ápice viril do episódio. Assim, infere-se que Riobaldo vai ao encontro de um processo de criação da masculinidade, a qual é protegida forçosamente, pela qual se toma partido e que se concretiza na dominação feminina e na homofobia. Conduta esta que é eventualmente reexaminada face a sua recusa à “constante brutalidade”¹⁰ e ao reconhecimento do sentimento romântico por outro homem. Todavia, Welzer-Lang (2001, p. 464) discorre: “O masculino é, ao mesmo tempo, submissão ao modelo e obtenção de privilégios do modelo.”

¹⁰ “Fugi. De repente, eu vi que não podia mais, me governou um desgosto. Não sei se era porque eu reprovava aquilo: de se ir, com tanta maioria e largueza, matando e prendendo gente, na constante brutalidade.” (ROSA, 1994, p. 185)

A iniciação mútua à sexualidade do primeiro encontro prenuncia e permanece com anteparo do grupo jagunço, predominante e teoricamente monossexual, do qual eles se tornam parte. Nesse âmbito, compartilham-se causos de amores passados, normalizam-se e se incentivam os abusos sexuais, a ida aos bordéis e a objetificação feminina. A prostituta é, por vezes, “compartilhada”, servindo a todos do mesmo grupo - “A feminilidade social é também prostituição, porque para a masculinidade social é normal pagar pelo que se quer, até mesmo por um ser humano.” (MATHIEU, 1980, p. 58, tradução nossa). De modo semelhante, emerge a homofobia; no receio de ditas maldades por se aproximar demais, conversar demais e negar a possibilidade de um ato sexual - “A homofobia engessa as fronteiras do gênero.” (WELZER-LANG, 2001, p. 465). Quando se assume algum aspecto comportamental que se assemelha ao que é explorado, o feminino, há rejeição. E aos novatos no bando, infligem-se as mesmas violências e rechaço uma vez experienciados.

Reinaldo é quem primeiro introduz o narrador à masculinidade e à sexualidade, bem como, quem mantém viva, de forma mais contundente ao longo da trajetória textual, a projeção feminina - “Doçura do olhar dele me transformou para os olhos de velhice da minha mãe.” (ROSA, 1994, p. 203). Sua figura ambígua, pode ser lida como uma dica do autor ao leitor, e/ou como uma referência a Édipo - “fosse cego, de nascença”, mas a alusão à homofobia é também enfática - “De Diadorim eu devia de conservar um nojo. De mim, ou dele?” (ROSA, 1994, p. 445). Fato é que seu comportamento também muito violento faz o leitor concordar que, mesmo perante o afeto, “Diadorim sabia era a guerra” (ROSA, 1994, p. 442). Contudo, há de se pautar que “a guerra era o constante mexer do sertão” (ROSA, 1994, p. 510). Se o sertão é o mar (ARRIGUCCI, 2010), Diadorim é quem o torna épico.

“A SER: QUE ENTENDIA MEU SENTIMENTO, MAS SÓ ATÉ UMA PARTE - NÃO ENTENDIA O DEPOIS-DO-FIM, O CONFRONTANTE”¹¹

As águas claras do de-janeiro dividem a infância e a aurora, e é onde o narrador dá os primeiros passos adentro do próprio destino. O sertão é a ausência de um norte ao caminhar, que quem “querendo procurar, nunca não encontra” (ROSA, 1994, p. 541), mas que, trilhando-o, depara-se com a tessitura da existência, mesmo às sombras do destino e da ignorância. Na interseção entre o feminino e o masculino, Riobaldo projeta uma afetividade à Diadorim, que, em contraponto à sua persona jagunça, remete-o à própria mãe. Esse, afirma que “A bondade especial de minha mãe tinha sido a de amor constando com a justiça, que eu menino precisava”

¹¹ (ROSA, 1994, p. 477)

(ROSA, 1994, p. 50-51), e, de forma correspondente, Diadorim na busca por vingança, em sua própria “justiça”, caracteriza, em Riobaldo, uma segunda emancipação involuntária de uma representação afetiva.

O laço entre os personagens, que na simplicidade se forma, prenuncia o homoerotismo e é narrado com qualidade de deságio: é uma narrativa que, como a Diadorim, simula uma inocência, mas cuja repercussão - aqui subjetiva e subliminar - é tão impactante que orienta toda a trajetória do personagem-narrador. O episódio no porto se apresenta como um exemplo da formação identitária perante a ação, reação e reiteração de uma conduta que é socialmente valorizada, e cujo oposto não é bem recebido. Nessa formação, abarca-se uma das coisas mais básicas da obra: a violência - o cerne da guerra, seja em si ou com os outros. Ao fim, o autor nos concede um fato irônico: que quem se torna exemplo de “superioridade” é uma mulher. E Riobaldo, ao âmbito materno retorna, sem se despedir, podendo apenas observar e acenar ao menino, de quem ninguém esquece.

REFERÊNCIAS

ARRIGUCCI JÚNIOR, Davi. Sertão: mar e rios de histórias. *In*: ARRIGUCCI JÚNIOR, Davi. **O guardador de segredos: ensaios**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

CANDIDO, Antonio *et al.* **A personagem de ficção**. São Paulo: Perspectiva, 1976.

DEVREUX, Anne-Marie. A teoria das relações sociais de sexo: um quadro de análise sobre a dominação masculina. **Sociedade e Estado**, v. 20, n. 3, p. 561-584, 2005.

FREUD, Sigmund. **O mal-estar na cultura**. Tradução Renato Zwick. Porto Alegre: L&PM Editores, [1930]-2010.

MATHIEU, Nicole-Claude. Masculinity/femininity. **Feminist Issues**, v. 1, n. 1, p. 51-69, 1980.

RANCIÈRE, Jacques. **The politics of aesthetics**. Bloomsbury Publishing, 2013.

ROSA, João Guimarães. Grande sertão: veredas. *In*: ROSA, João Guimarães. **Ficção completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. v. 2.

SKINNER, B. F. **Humanismo e behaviorismo**. The Humanist, 1972.

WELZER-LANG, Daniel. A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. **Estudos Feministas**, v. 9, n. 2, p. 460-482, 2001.